



Cães-Guia em Oftalmologia Guide Dogs in Ophthalmology

 Andreia Martins Rosa ¹

¹ Editora-chefe da revista Ophthalmologia

Recebido/Received: 2025-06-22 | **Aceite/Accepted:** 2025-06-24 | **Published/Publicado:** 2025-06-30

© Author(s) (or their employer(s)) and Ophthalmologia 2025. Re-use permitted under CC BY 4.0. ou Re-use permitted under CC BY. No commercial re-use.

© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) e Ophthalmologia 2025. Reutilização permitida de acordo com CC BY 4.0. ou Reutilização permitida de acordo com CC BY. Nenhuma reutilização comercial.

DOI: <https://doi.org/10.48560/rspo.42105>

Contactamos com cães-guia com alguma frequência em Oftalmologia. Observamos como ajudam os donos a navegar os apertados gabinetes médicos, como seguem as ordens de forma eficiente e como se mantêm sentados, pacificamente, apesar do “entra-e-sai” típico das nossas consultas. Dono e cão-guia são uma equipa que se compreende mutuamente e se apoia, e vemos a tristeza dos nossos doentes quando surgem com um cão-guia diferente e nos contam que o anterior se reformou, o que acontece geralmente ao final de 10 anos de serviço.

A história dos cães-guia é muito antiga. Foi encontrado um mural do século I DC nas ruínas da cidade romana de Herculaneum, atualmente Erculano, em Itália, mostrando uma pessoa cega a ser guiada por um cão. Herculaneum ficou coberta de lava proveniente do vulcão Vesúvio, na mesma erupção que soterrou Pompeia, o que permitiu conservar o seu interior de forma quase intacta.

A história moderna dos cães-guia e a disseminação da sua adoção surgiu com a Primeira Guerra Mundial e com os milhares de soldados que regressaram cegos da frente de combate, que impulsionou a criação de escolas para estes cães, onde são treinados de forma rigorosa. Só os melhores são selecionados para trabalhar. Têm que mostrar concentração, resistência a tentações (como comida ou outros cães nas proximidades) e ter um temperamento calmo. Aliás, devemos evitar brincar ou dar festas a um cão-guia em trabalho, por muito simpáticos que alguns sejam.

Os cães-guia são mais do que guias, são pensadores críticos que têm uma certa desobediência inteligente, recusando-se a cumprir ordens que coloquem os donos em perigo.

Os benefícios emocionais e fisiológicos do convívio com um animal doméstico não se limitam porém às pessoas com deficiências visuais. Os animais domésticos proporcionam redução do *stress*, baixam a pressão arterial, encorajam a atividade física e combatem a solidão. E para além destas vantagens objetiváveis, são uma fonte de amor constante, que nos surpreende, mesmo a quem, como eu, adotou agora uma cachorrinha mas tinha já experiência com animais domésticos dos tempos de infância.

Voltando à Oftalmologia, os cães-guia lembram-nos que o trabalho em equipa vai além das especialidades médicas: envolve empatia, confiança — e, por vezes, até membros de outras espécies.

Boas leituras e boas férias de Verão!

RESPONSABILIDADES ÉTICAS

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Suporte Financeiro: O presente trabalho não foi suportado por nenhum subsídio ou bolsa ou bolsa.

Proveniência e Revisão por Pares: Não comissionado; revisão externa por pares.

ETHICAL DISCLOSURES

Conflicts of Interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: Not commissioned; externally peer reviewed.



**Corresponding Author/
Autor Correspondente:**

Andreia Martins Rosa
Department of Ophthalmology, Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC), Praceta Professor Mota Pinto, 3004-561 Coimbra, Portugal.
editor.chefe@spoftalmologia.pt



ORCID: 0000-0001-6608-3353